THE LABRADOR FROM CINCINNATI

Everybody Laughed.
The Dog Didn't.



FERDINANDO FREGA

O LABRADOR DE CINCINNATI

Todo mundo riu. O cachorro, não.

The P&G Saga · 18

Sempre existiu uma regra social que diz a mesma coisa: nos funerais se ri e nos casamentos se chora. Para a maioria, ela deixava um sorriso dentro de um pensamento; mas os que refletiam, os que se achavam a maioria, insistiam que não era verdade.

Era como dizer ao mundo inteiro, cinco meses atrás, que com apenas US$ 70 por mês eu escalaria a web inteira, até o topo das próprias buscas das multinacionais — sem dinheiro, sem publicidade, sem SEO — e a maioria teria recebido a notícia como uma piada, com um sorriso, captando só o lado irônico. Ninguém pensou que pudesse ser uma prova, nem que a ironia vivesse apenas na ação de quem tinha conseguido.

Mas hoje era um dia especial: o aniversário do meu pai. De manhã cedo, sem avisá-lo, fui visitá-lo em sua residência eterna: o cemitério.

O encontro foi uma mistura de lágrimas e sorrisos, mas no fim eu o tinha celebrado do meu jeito, dentro desta história, para surpreendê-lo — a coisa que eu sabia fazer melhor, e a coisa que ele adorava.

Quando cheguei em casa, encontrei minha mulher chorando. Pensei que ela tivesse se juntado a mim na emoção do dia. Não era isso. Ela estava arrasada por causa do nosso cachorro,

um labrador americano de dez anos, já um velhinho, que se recusava a comer havia três dias, e ela não encontrava solução.

Até a visita do médico de cachorro — eu nunca o tinha promovido a veterinário — virou o pesadelo de sempre da medicina humana: consulta paga, receitas, exames de laboratório, e ele com seu carro novo e reluzente enquanto eu ficava ali admirando como ele era esperto.

Então investiguei o problema e encontrei a causa. Minha mulher tinha trocado a marca da ração com que ele tinha crescido: um saco gigante de 10 quilos, rico em vitaminas e anunciado por toda parte, feito por uma empresa que eu conhecia muito bem, pela módica quantia de US$ 25.

Elisabetta, minha mulher, tinha experimentado uma marca nova que custava menos, com uma fêmea de labrador americano no saco, e achou que isso o conquistaria. Não conquistou. Ele queria aquela marca, e só aquela marca.

Minha mulher achou que eu estava tirando sarro dela, mas quando peguei um punhado da ração nova e coloquei no saco velho, ele começou a comer — depois parou logo após a primeira bocada e olhou para mim, como se dissesse que eu nunca conseguiria enganá-lo.

Eu ria como um louco da situação toda, minha mulher chorava porque achava que o cachorro estava morrendo, e minha filha, no meio do fogo cruzado, dizia que nós dois éramos uns idiotas.

Peguei o cachorro pela coleira e saímos para passear, até a vitrine de uma loja de ração para animais. Lá, bem à vista,

estava a marca dele. Ele não fez segredo: abanando o rabo e latindo, me disse que era aquilo que ele queria.

Parei para explicar que estávamos passando por tempos apertados, que a marca de que ele tanto gostava tinha sido objeto de uma das minhas escaladas, e que talvez um dia eu o fizesse nomear diretor daquela divisão — mas que, por enquanto, ele teria de aceitar a situação.

Ele era um cachorro, sim, e nisso todos podemos concordar. Mas tinha uma vantagem: era americano, e isso lhe dava uma vantagem sobre todos os outros cachorros do mundo.

Voltamos para casa e ele começou a comer, e minha mulher, morrendo de curiosidade, quis saber o que tinha acontecido.

Eu lhe disse que tinha prometido a ele que ele dirigiria a divisão PET&FOOD de uma multinacional em Cincinnati, e ele tinha acreditado em mim — porque quando alguém chamado Frega diz alguma coisa, é melhor você aguçar os ouvidos e sempre supor que aquilo pode se tornar realidade.

Ferdinando